

UMA ESTRATÉGIA COOPERATIVA PARA O PODER NAVAL DOS ESTADOS UNIDOS NO SÉCULO XXI*

GARY ROUGHEAD¹

Almirante (USN)

JAMES T. CONWAY²

General (USMC)

THAD ALLEN³

Almirante (USCG)

Tradução e adaptação: CARLOS MARCELLO RAMOS E SILVA
Capitão-de-Mar-e-Guerra (RM1)

SUMÁRIO

Prefácio

Introdução

Desafios de uma nova era

Conceito estratégico marítimo

Implementando a estratégia

Prioridades para implementação

Conclusão

Anexos** – 1) Um desempenho brilhante

2) O verdadeiro propósito da estratégia

* Revista *Proceedings* (Estados Unidos), novembro 2007, p. 14-20. Esta estratégia vinha sendo aguardada desde 2006, quando foi verbalizada pelo Almirante Mike Mullen, na época exercendo o cargo de chefe de Operações Navais (CNO) e hoje exercendo o de Chairman of the Joint Chiefs of Staff. É a primeira estratégia marítima norte-americana após mais de 20 anos. O documento foi assinado pelos três comandantes dos Serviços Navais dos EUA: Marinha, Corpo de Fuzileiros Navais e Guarda Costeira.

1 Chief of Naval Operations da Marinha dos EUA (cargo correspondente ao de comandante da Marinha na MB).

2 Commandant of the Marine Corps da Marinha dos EUA (cargo correspondente ao de comandante-geral do Corpo de Fuzileiros Navais na MB).

3 Commandant of the Coast Guard dos EUA (Comandante da Guarda Costeira, sem correspondente na MB).

** N.R.: A redação da *RMB* apreciou as matérias publicadas na revista *Proceedings* (novembro/2007, p.22-24; e dezembro/2007, p. 90-91) e as considerou importantes para complementar o entendimento do presente artigo. Assim, publicamos como anexos os resumos das referidas matérias, que tecem avaliações sobre este documento assinado pelos três comandantes.

PREFÁCIO

Uma Estratégia Cooperativa para o Poder Naval no Século XXI não possui precedente histórico. Nunca antes as forças marítimas dos Estados Unidos da América (EUA) – a Marinha, os Fuzileiros Navais e a Guarda Costeira – se juntaram para criar uma estratégia unificada. Nessa estratégia é enfatizada a abordagem que integra o poder naval com outros elementos do poder nacional, bem como com os de nações amigas e aliadas. Ela descreve como o poder naval será aplicado ao redor do mundo para proteger o estilo de vida norte-americano, na medida em que nos juntamos a nações que possuem o mesmo pensamento para proteger e manter o sistema interconectado global por meio do qual também prosperamos. Nosso cometimento em proteger o território nacional e em vencer as guerras de nossa Nação é igualado pelo compromisso de prevenir a guerra.

Nossos cidadãos se envolveram no desenvolvimento desta estratégia por meio de uma série de fóruns públicos denominados “Conversações com o País”. Três temas predominaram nessas discussões: nosso povo deseja que continuemos fortes; ele deseja que o protejamos e à Pátria; e ele quer que trabalhem com parceiros ao redor do planeta para prevenir a guerra. Esses temas, associados à pesquisa acadêmica rigorosa, à análise e ao debate, nos levaram a uma estratégia abrangente, projetada para atender às expectativas e necessidades do povo norte-americano.

Uma Estratégia Cooperativa para o Poder Naval no Século XXI aproxima nos-

sas organizações mais do que elas jamais estiveram no passado, com o propósito de aumentar a prosperidade e a segurança de nossa Nação. As demandas de um mundo inseguro e os interesses permanentes do povo americano o exigem.

INTRODUÇÃO

A segurança, a prosperidade e os interesses vitais dos Estados Unidos estão cada vez mais interligados aos de outras nações. Os interesses de nossa Nação serão mais bem atendidos por meio da promoção de um sistema global pacífico integrado por redes interdependentes de comércio, finanças, informação, legislação, povos e governos.

Nós prosperamos pela existência desse sistema de trocas entre nações, mas reconhecemos sua vulnerabilidade a uma gama de distúrbios que podem produzir uma cascata de efeitos nocivos longe de suas ori-

gens. Guerra entre superpoderes, conflitos regionais, terrorismo, ausência de leis e desastres naturais, todos possuem potencial para ameaçar a segurança nacional dos EUA e a prosperidade mundial.

Os oceanos conectam as nações do planeta, mesmo os países sem acesso ao mar. Porque o ambiente marítimo – oceanos, mares, baías, estuários, ilhas, áreas costeiras, litorais e o espaço aéreo a eles sobrejacente – sustenta 90 por cento do comércio mundial, ele transporta a energia vital de um sistema global que liga todos os países do mundo. Cobrindo três quartos do planeta, os oceanos avizinham povos do mundo inteiro. Eles nos permitem apoiar os

Nosso povo deseja que continuemos fortes; ele deseja que o protejamos e à Pátria; e ele quer que trabalhem com parceiros ao redor do planeta para prevenir a guerra

amigos em necessidade e confrontar agressões longe de nosso litoral.

Hoje, os EUA e seus parceiros se encontram competindo por influência global numa era em que é pouco provável se verem inteiramente em guerra, ou inteiramente em paz. Nosso desafio é aplicar o poder naval de forma que proteja os interesses vitais dos EUA, promovendo maior segurança coletiva, estabilidade e confiança. Apesar da defesa da Pátria e a derrota de adversários em guerras continuarem sendo metas inquestionáveis do poder naval, para servir ao interesse nacional ele deve ser aplicado de forma mais ampla.

Nós acreditamos que *prevenir guerras é tão importante quanto ganhá-las*. Entretanto, existe tensão entre os requisitos para o engajamento continuado em tempo de paz e a manutenção da proficiência nos atributos críticos para se lutar e vencer em combate. As forças marítimas devem contribuir para a vitória decisiva em guerras enquanto aumentam nossa capacidade para preveni-las e para vencermos a longa luta contra redes terroristas, influenciar eventos positivamente e diminuir o impacto de desastres.

Como sempre ocorreu, essas tarefas críticas serão executadas por nosso pessoal – chave do sucesso de qualquer estratégia militar. Assim, proveremos o pessoal – nossos marinheiros, fuzileiros e homens da guarda costeira – com treinamento, educação e ferramentas necessárias para a promoção da paz e para que prevaleçam em conflitos.

Orientados pelos objetivos articulados na Estratégia de Segurança Nacional (*National Security Strategy*), Estratégia de Defesa Nacional (*National Defense Strategy*), Estratégia Militar Nacional

(*National Military Strategy*) e na Estratégia Nacional para Segurança Marítima (*National Strategy for Maritime Security*), a Marinha dos EUA, o Corpo de Fuzileiros Navais e a Guarda Costeira atuarão ao longo de toda a gama de operações militares para defender os EUA de ataque direto; garantir acesso estratégico e reter liberdade de ação global; fortalecer alianças e parcerias existentes/emergentes; e estabelecer condições de segurança favoráveis.

Em acréscimo, forças marítimas serão empregadas para o estabelecimento de confiança entre nações por meio de esforços para segurança coletiva enfocados nas ameaças comuns e nos interesses mútuos no mundo aberto e multipolar. Para fazê-lo, será necessário um nível sem precedente de integração entre nossas forças marítimas e maior cooperação com as outras expressões do poder nacional, além das capacidades de nossos parceiros internacionais.

O poder naval será uma força unificadora para a construção de um amanhã melhor.

**Nós acreditamos que
prevenir guerras é tão
importante quanto ganhá-las**

DESAFIOS DE UMA NOVA ERA

A economia mundial está firmemente interconectada. Ao longo das últimas quatro décadas, o comércio marítimo mais do que quadruplicou: 90 por cento do comércio mundial e dois terços do seu petróleo são transportados por mar. As vias marítimas e as infra-estruturas de apoio costeiras são vitais para a economia global moderna, símbolos visíveis e vulneráveis do sistema de distribuição moderno que depende da liberdade de passagem por regiões litorâneas cada vez mais urbanizadas.

A expansão do sistema global tem elevado a prosperidade de muitas nações. Entretanto, seu crescimento contínuo pode gerar

o aumento da competição por capitais e recursos com outros poderes econômicos, corporações transnacionais e organizações internacionais. A elevação da expectativa popular e o aumento da competição por recursos, associados à escassez, poderão encorajar nações a adicionar reivindicações de soberania sobre maiores áreas oceânicas, vias aquáticas e recursos naturais – resultando, potencialmente, em conflito.

A tecnologia vem, rapidamente, expandindo atividades marítimas, tais como o desenvolvimento do aproveitamento de energia, a extração de recursos naturais e outras atividades comerciais, acima e abaixo da superfície dos oceanos. A mudança climática vem, gradualmente, abrindo as águas do Ártico não somente para permitir a exploração de novos recursos naturais, mas também para exploração de novas rotas comerciais marítimas que poderão alterar a configuração do sistema de transporte global. Embora esses desenvolvimentos apresentem oportunidades para crescimento, eles são, também, fontes potenciais de competição e de conflitos por acesso a recursos naturais.

A globalização está também moldando os padrões de migração humana, saúde, educação, cultura e condução de conflitos. Os conflitos vêm se caracterizando, cada vez mais, por conjugação híbrida de táticas tradicionais e irregulares, planejamento e execução descentralizados, e com atores não-governamentais utilizando tanto tecnologias simples como sofisticadas de forma inovadora. Governos fracos ou corruptos, insatisfação entre desprivilegiados, extremismo religioso, nacionalismo étnico e mudanças demográficas – frequentemente provocadas por avanços desiguais ou não desejados da globalização – exacerbam tensões e contribuem para causar conflitos.

Concomitantemente, uma quantidade crescente de atores transnacionais e de

estados marginais encorajada e capacitada pelo acesso sem precedente ao palco global pode causar rupturas sistêmicas para aumentar seu poder e influência. Suas ações, muitas vezes projetadas para, propositalmente, incitar conflito entre outras entidades, dificultam tentativas de abrandamento de tensões regionais.

A proliferação de armas de destruição em massa e da informação aumentou a capacidade de nações-estado e de atores transnacionais de desafiar o acesso marítimo, de se evadirem da responsabilidade por ataques e de manipular a opinião pública. O uso assimétrico da tecnologia apresentará um leque de ameaças aos EUA e a seus aliados. Ainda mais preocupante é o crescimento do apetite por armas nucleares e de destruição em massa demonstrado por nações e adversários não-governamentais. Em paralelo, ataques a sistemas legais, financeiros ou cibernéticos poderão provocar rupturas iguais ou maiores do que sistemas cinéticos.

A maioria da população mundial habita raio de até poucas centenas de milhas dos oceanos. A instabilidade social em cidades cada vez mais populosas, muitas das quais localizadas em regiões já instáveis, é passível de criar rupturas significativas. O efeito das mudanças climáticas pode também aumentar o sofrimento humano por meio de tempestades catastróficas, perda de terras cultiváveis e inundações nos litorais, podendo gerar perda de vidas humanas, migração involuntária, instabilidade social e crises regionais.

As comunicações em massa evidenciam o drama do sofrimento humano e as populações prejudicadas terão cada vez mais consciência e menor tolerância à sua condição. Ideologias extremistas se tornarão mais atrativas àqueles em desespero e abandonados de oportunidades. Elementos criminosos explorarão essa instabilidade social.

Essas condições combinam-se para criar um futuro incerto e para nos fazer refletir numa nova maneira de ver o poder marítimo. Nenhuma nação possui os recursos exigidos para prover salvaguarda e segurança em todo o ambiente marítimo. Progressivamente, governos, organismos não-governamentais, organizações internacionais e o setor privado formarão parcerias com o interesse comum de se contraporem a essas ameaças emergentes.

CONCEITO ESTRATÉGICO MARÍTIMO

Esta estratégia reafirma o uso do poder marítimo para influenciar ações e atividades no mar e em terra.

O caráter expedicionário e a versatilidade das forças marítimas provêm aos EUA vantagem assimétrica de estabelecer ou aumentar a presença militar em áreas em que o acesso seja limitado ou negado. O posicionamento de nossas forças militares além-mar em caráter permanente ou por tempo prolongado, freqüentemente, provoca repercussões econômicas, sociais ou políticas não-intencionais. O mar é um vasto espaço de manobra, onde a presença de forças marítimas pode ser graduada como exigido pelas condições existentes, permitindo abordagens flexíveis à escalada, desescalada e dissuasão de conflitos.

A velocidade, flexibilidade e agilidade das forças marítimas, além da capacidade de permitirem a gradação, provêm aos comandantes das forças conjuntas ou combinadas uma gama de opções para respon-

der a crises. Em acréscimo, operações marítimas integradas, sejam em estruturas de alianças formais (como a da Organização do Tratado do Atlântico Norte – Otan) ou em arranjos informais (como na iniciativa *The Global Maritime Partnership*), enviam mensagens poderosas a agressores potenciais de que agiremos em conjunto com outros para garantir a segurança e a prosperidade coletiva.

O poder marítimo dos EUA será posicionado globalmente em postura adequada a prover segurança a nosso território e cidadãos contra ataque direto e para impulsionar nossos interesses no mundo. Como nossas segurança e prosperidade estão diretamente ligadas às de outros, for-

ças marítimas americanas serão posicionadas para proteger e sustentar o pacífico sistema global constituído de redes interdependentes de comércio, finanças, informação, legal, povos e governos.

Empregaremos o alcance global, a presença persistente e a flexibilidade operacional inerentes ao

poder naval dos EUA para cumprir tarefas básicas ou imperativos estratégicos. Onde as tensões forem altas ou onde quisermos demonstrar a amigos ou aliados nosso comprometimento com segurança e estabilidade, as forças marítimas americanas serão caracterizadas por forças-tarefa avançadas e com concentração regional com poder de combate adequado a limitar conflitos regionais, dissuadir grandes potências e, em caso de falha nesta dissuasão, vencer as guerras de nossa Nação, participando em campanha combinada ou conjunta. Ade-

**O poder marítimo dos EUA
será posicionado
globalmente em postura
adequada a prover
segurança a nosso
território e cidadãos contra
ataque direto e para
impulsionar nossos
interesses no mundo**

mais, forças marítimas persistentes e estabelecidas de acordo com a missão serão distribuídas globalmente para contribuir para a defesa da Pátria à distância, promover e sustentar as relações de cooperação com o conjunto em expansão de parceiros internacionais, e para prevenir e abrandar rupturas e crises.

Poder combatente com credibilidade e concentrado regionalmente. Poder combatente com credibilidade continuará a ser posicionado no oeste do Pacífico e no Golfo Pérsico/Oceano Índico para proteção de nossos interesses vitais, para assegurar a nações amigas e aliadas do nosso contínuo comprometimento com a segurança regional, e para dissuadir adversários potenciais e observar competidores. Esse poder combatente poderá ser reposicionado de forma seletiva e rápida para se contrapor a contingências que possam surgir em outros locais. Essas forças serão dimensionadas e adotarão postura para cumprir os seguintes imperativos estratégicos:

– Limitar conflitos regionais por meio de poder marítimo decisivo e posicionado em avanço

O conflito regional atual possui ramificações que vão além da área do conflito. Crises humanitárias, violência espalhando-se através das fronteiras, doenças epidêmicas e a interrupção de recursos vitais são possíveis quando eclodem conflitos regionais. Apesar de esta estratégia advogar a favor da dispersão de forças marítimas interligadas, nós não podemos estar em todos os lugares e não podemos agir para abrandar todos os conflitos regionais.

Onde os conflitos ameaçarem o sistema global e nossos interesses nacionais, forças marítimas estarão em prontidão para reagir junto com outros elementos do poder nacional e multinacional, para prover os líderes

políticos com uma gama de opções para dissuasão, escalada ou abrandamento de conflitos. Forças marítimas com presença constante e prontas para combate provêm à Nação a opção de entrada forçada primária nesta era em que acessos são cada vez mais restritos, além de proverem os meios para a Nação responder rapidamente a outras crises. Seja além do horizonte ou em plena vista, forças marítimas podem dissuadir ambições de agressores regionais, garantir nações amigas e aliadas, ganhar e manter acesso e proteger nossos cidadãos enquanto trabalham para manter a ordem mundial.

Crítico para essa noção é a existência de uma esquadra poderosa – navios, aeronaves, forças de fuzileiros navais e atividades baseadas em terra – capaz de controlar áreas marítimas selecionadas, de projetar poder sobre terra e de proteger forças amigas e populações civis de ataques.

– Dissuadir guerra entre grandes poderes

Nenhuma outra ruptura é tão desastrosa para a estabilidade global como a guerra entre grandes poderes. Manter e aumentar a vantagem do poder naval desta Nação é elemento-chave para dissuasão de guerra entre grandes poderes. O caráter expedicionário das forças marítimas – letalidade, alcance global, velocidade, resistência, habilidade em vencer barreiras de acesso e agilidade operacional – provê ao comandante combinado muitas opções de dissuasão. Buscaremos abordar a dissuasão por meios que incluam a habilidade em escalar com credibilidade para retaliar contra agressores, seja por meios convencionais, não-convencionais ou com forças nucleares.

– Vencer as guerras de nossa Nação

Em tempos de guerra, nossa capacidade em impor controle marítimo local, suplantar

as dificuldades de acesso, forçar entrada, e projetar e manter poder sobre terra torna nossa força marítima elemento indispensável para a força conjunta ou combinada. Essa vantagem expedicionária deve ser mantida por prover liberdade de manobra para o comandante de força conjunta ou combinada. Reforçados por uma capacidade logística robusta que permita concentrar e manter as forças, o controle marítimo e a projeção de poder permitem longas campanhas em terra.

– Forças marítimas dimensionadas para cada missão, distribuídas globalmente

Os serviços navais estabelecerão presença global constante usando forças distribuídas e organizadas de acordo com a missão, integrando as capacidades da Marinha, dos Fuzileiros Navais e da Guarda Costeira. Essa distribuição global irá além das áreas de posicionamento tradicionais e refletirá missões desde operações humanitárias até as que contenham ênfase em antiterrorismo e na guerra irregular. Nossas forças marítimas serão dimensionadas para se adequarem às características particulares de cada região específica, muitas vezes em conjunção com forças de operações especiais e parceiros de outras agências governamentais. Particularmente, esta estratégia reconhece a crescente importância e carência de atividades de tempos de paz na África e no hemisfério ocidental.

– Contribuir para a defesa da Pátria à distância

Forças marítimas defenderão a Pátria por meio da identificação e neutralização de ameaças o mais distante de nosso litoral quanto possível. Desde a fomentação de relacionamentos críticos além-mares à filtragem de navios em trânsito para nossos portos, ou pela resposta rápida a quaisquer ameaças em apro-

ximação ao nosso litoral, o esforço de defesa do território nacional integrará, dentre os serviços marítimos, a força conjunta, a comunidade de agências, nossos parceiros internacionais e o setor privado, de modo a prover o mais alto nível de segurança possível. Quando determinado, forças marítimas prontamente apoiarão autoridades civis em caso de ataque ou desastre natural em nosso litoral.

– Fomentar e manter relacionamento cooperativo com maior número de parceiros internacionais

Relações cooperativas expandidas com outras nações contribuirão para a segurança e estabilidade do espaço marítimo em benefício de todos. Apesar de, quando necessário, nossas forças poderem ser aumentadas em resposta a crises, o mesmo não ocorre em relação à cooperação e à confiança. Elas devem ser construídas ao longo do tempo, de maneira que os interesses estratégicos dos participantes sejam continuamente considerados, enquanto o respeito e o entendimento mútuo são impulsionados.

Fundamental para o crescimento dessas relações é o desenvolvimento da habilidade cultural, histórica e linguística de nossos marinheiros, fuzileiros e homens da Guarda Costeira, de modo a nutrir-se interações efetivas com uma diversidade de parceiros internacionais. Construir e revigorar essas relações por meio de cooperação em segurança no teatro requer focar-se mais na construção de capacidades, na assistência humanitária, na moldura regional para melhoria da governança marítima e na cooperação para compeli-se à obediência às leis no espaço marítimo.

– Prevenir ou conter rupturas locais antes de seu impacto no sistema global

Forças marítimas trabalharão junto a outras para assegurar nível adequado de se-

gurança e vigilância no espaço marítimo. Assim, ameaças transnacionais – terroristas e extremistas; disseminadores de armas de destruição em massa; piratas; traficantes humanos, de drogas e de armas convencionais; e outros criminosos serão reprimidos.

Por sua presença, posicionamento avançado e engajamento em relacionamentos de benefício comum com parceiros regionais ou globais, as forças marítimas incentivarão molduras que aumentem a segurança. Quando desastres naturais ou provocados pelo homem ocorrerem, nossas forças marítimas poderão prover assistência humanitária e de apoio, juntando-se a parceiros de outras agências ou não-governamentais. Por meio da participação rotineira em atividades cooperativas, as forças marítimas terão postura que apoie outras forças conjuntas ou combinadas para abrandar e conter rupturas.

Implementando a estratégia

Para executar com sucesso esta estratégia, os serviços marítimos devem, coletivamente, expandir as capacidades básicas do poder naval dos EUA de modo a obter-se uma mistura balanceada entre as capacidades de engajamento na paz e de operações de combate principais.

Capacidades básicas expandidas

Apesar de os serviços navais conduzirem muitas missões, as seis capacidades a seguir exprimem o núcleo do poder marítimo dos EUA e refletem um aumento na ênfase das atividades que previnem guerras e constroem parcerias.

– Presença avançada

Forças marítimas serão desdobradas avançadas, em especial nesta era de amea-

ças diversas ao território nacional. Operações avançadas propiciam familiaridade com o ambiente, bem como com as personalidades e os comportamentos de atores regionais. Respeitando-se a soberania de outras nações, essa influência e esse entendimento contribuem para respostas efetivas em caso de crises. Caso as operações de tempos de paz se transformem em operações de guerra, as forças marítimas já terão desenvolvido o entendimento e a experiência ambiental e operacional para, rapidamente, se engajarem em operações de combate. O desdobramento avançado também nos permitirá combater o terrorismo o mais longe possível de nosso território. Onde e quando aplicável, forças marítimas em posições avançadas isolarão, capturarão ou destruirão terroristas, suas infraestruturas, recursos e santuários, preferencialmente com parceiros em coalizões.

– Dissuasão

Prevenir guerras é preferível a lutar. Dissuadir agressões deve ser visualizado em termos globais, regionais e transnacionais por via de meios convencionais, não-convencionais e nucleares. As atividades efetivas de Cooperação em Segurança no Teatro são uma forma de dissuasão estendida que cria segurança e remove as condições para existência de conflitos. A defesa marítima contra mísseis balísticos aumentará a dissuasão por prover um “guarda-chuva” de proteção às forças avançadas e às nações amigas e aliadas, enquanto, simultaneamente, contribui para a arquitetura planejada para a defesa dos EUA. Nossa vantagem no espaço – da qual depende a maior parte de nossa capacidade em operar de forma dispersa em ambiente de rede – deve ser protegida e estendida. Usaremos forças baseadas ou desdobradas avançadas, meios baseados no espaço,

dissuasão estratégica baseada no mar e outras iniciativas para dissuadir aqueles que quiserem nos fazer mal.

– Controle do mar

A capacidade de operar livremente no mar é um dos mais importantes aspectos que possibilitam operações conjuntas e interações governamentais, e o controle do mar requer capacidades em todo espectro do domínio marítimo, incluindo o espaço e o ciberespaço. Existem muitos desafios à nossa capacidade em exercer o controle do mar, mas talvez nenhum tão significativo quanto a crescente quantidade de nações que operam submarinos modernos de propulsão diesel-elétrica ou nucleares. Continuaremos a apurar as táticas, os adestramentos e as tecnologias necessárias para a neutralização dessa ameaça. Não admitiremos situações nas quais a liberdade de manobra e a de acesso de nossas forças marítimas venham a ser restringidas, nem permitiremos a adversários romperem a cadeia de suprimento global por meio de tentativas de bloqueio de vias marítimas de comunicações ou de comércio. Estaremos aptos a impor controle de área marítima local onde for necessário, preferencialmente em associação a aliados e nações amigas, mas por nós mesmos, se for o caso.

– Projeção de poder

Nossa capacidade de vencer desafios ao acesso e de projetar e manter poder em terra é a base da nossa credibilidade para combater. Nossas vantagens serão sustentadas por meio de forças apropriadamente dimensionadas, tecnologia inovadora, conhecimento da capacidade dos adversários, processos adaptativos de planejamento conjuntos, e pela proficiência e talento de nossos marinheiros, fuzileiros e homens

da guarda costeira. Nós manteremos uma capacidade robusta de apoio logístico para rapidamente concentrar e apoiar forças, e para permitir campanhas conjuntas e/ou combinadas. Essa capacidade depende da manutenção de uma poderosa indústria americana de transporte marítimo e de seus recursos intermodais críticos.

– Segurança marítima

A criação e a manutenção da segurança no mar são essenciais para diminuir ameaças no pré-guerra, incluindo pirataria, terrorismo, proliferação de armas, tráfico de drogas e outras atividades ilegais. A oposição a essas ameaças irregulares e transnacionais protege nossa Pátria, aumenta a estabilidade global e garante a liberdade de navegação em benefício de todas as nações. Nossas forças marítimas compõem a obediência às leis marítimas domésticas e internacionais por meio de protocolos já estabelecidos, tais como o Plano Operacional Marítimo de Resposta a Ameaça (MOTR – *Maritime Operational Threat Response Plan*). Também nos juntamos a outras Marinhas e guardas costeiras ao redor do mundo para policiar os espaços globais comunitários e para suprimir ameaças comuns.

– Assistência humanitária e resposta a desastres

Por meio do investimento em relações forjadas em tempos de paz, nós continuaremos a abrandar o sofrimento humano, na vanguarda dos esforços interações governamentais e multinacionais, ambos de modo deliberado e pró-ativo e em resposta a crises. O sofrimento humano nos compele a agir e o caráter expedicionário das forças marítimas as posiciona de forma única para proverem assistência. Nossa capaci-

dade de conduzir operações de evacuação de não-combatentes de forma rápida e sustentável é crítica para o alívio em situação de risco à segurança de nossos cidadãos ou outros.

Prioridades para implementação

A implementação desta estratégia requererá que os serviços marítimos demonstrem flexibilidade, adaptabilidade e unidade de esforços para evoluir para estar à altura dos desafios persistentes ou emergentes e das oportunidades que vierem a surgir. Iniciativas específicas que apoiem esta estratégia devem ser testadas e avaliadas ao longo do tempo por meio de experimentações, de jogos de guerra e de contínua experiência operativa, com supervisão periódica e orientação unificada dos líderes mais antigos dos serviços navais. Apesar de muitas iniciativas terem que frutificar para viabilizar esta estratégia, três áreas recebem atenção prioritária:

Aperfeiçoar a integração e a interoperabilidade

A necessidade crescente dos comandantes combatentes de conjuntos de forças marítimas dimensionadas para cada missão específica requer uma abordagem mais integrada em relação à sua forma de utilização.

Os fuzileiros continuarão a ser empregados como forças-tarefa aéreas e terrestres, operando a partir de navios anfíbios para a condução de uma variedade de missões, tal como a de projeção de poder, mas serão também empregados a bordo de uma maior variedade de navios para missões de segurança marítima. Marinheiros, fuzileiros e homens da Guarda Costeira, agrupados em diversas combinações de forças de segurança, de equipes móveis de treinamen-

to, de batalhões de construção, de serviços de saúde, de polícia e de unidades de assuntos civis para a condução de missões de assistência humanitária e de cooperação em segurança exemplificam os conjuntos de forças adaptativas.

A defesa do território nacional é o exemplo mais óbvio da necessidade de maior integração. Não é suficiente falar-se em defesa do território nacional em termos de divisão de responsabilidades e de autoridade entre a Marinha e a Guarda Costeira ao longo de um limite geográfico não-definido. Preferivelmente, os serviços marítimos devem – e o farão – trabalhar como um só onde quer que operem em defesa dos EUA. Em conformidade com a Política Nacional da Esquadra (*National Fleet Policy*), forças da Guarda Costeira devem estar aptas a operar como parte de força-tarefa conjunta a milhares de milhas de nosso litoral, e as forças navais devem ser capazes de reagir a missões operativas próximas ao território nacional, quando necessário à segurança de nossa Nação e em apoio a autoridades civis. A integração e a interoperabilidade serão a chave do sucesso nessas atividades, particularmente onde forças diversas de variadas capacidades e missões tiverem que trabalhar sem arestas em apoio a operações de defesa, de segurança e humanitárias.

A expansão da cooperação com forças marítimas de outras nações requer maior interoperabilidade com parceiros multinacionais possuidores de variável nível de tecnologia. A iniciativa Parceria Global Marítima (*The Global Maritime Partnership*) servirá como catalisadora para o aumento da interoperabilidade internacional em apoio à segurança marítima cooperativa. Alcançar o adequado nível de integração e de interoperabilidade exigirá alto grau de coordenação entre os estados-maiores dos comandos, de modo a cumprirem suas responsabilidades

em prover, adestrar e equipar forças. Além disso, comandantes de componentes da Marinha e dos Fuzileiros Navais e comandantes funcionais da Guarda Costeira desempenharão papel central na determinação do modo como as forças marítimas são organizadas, posicionadas e empregadas. Esse papel envolve a identificação dos requisitos dos comandantes combatentes e a articulação do modo como suas respectivas capacidades podem ser criativamente integradas para atender a essas demandas. Coordenação próxima ou, até mesmo, integração completa dos componentes marítimos poderá ser necessária para obter-se eficiência. Em todos os escalões de comando deveremos ampliar nossa capacidade em conduzir planejamento, execução e dimensionamento integrados.

Intensificar o conhecimento

Para ser eficaz, deve-se aumentar significativamente o conhecimento e o entendimento do domínio marítimo (*Maritime Domain Awareness* – MDA) e expandir a competência e a capacidade em inteligência, vigilância e reconhecimento (*Intelligence, Surveillance and Reconnaissance* – ISR). Novas parcerias entre interesses comerciais marítimos mundiais e forças marítimas de nações participantes reduzirão o perigoso caráter anônimo do transporte marítimo de pessoas e cargas por mar. Passos largos já foram dados nessa direção, e a Estratégia Nacional para Segurança Marítima (*National Strategy for Maritime Security*) determinou um nível ainda mais alto de cooperação interagências em busca de MDA efetivo. As forças marítimas contribuirão para o aumento do compartilhamento de informações, apoiando e dinamizando nossa capacidade de neutralizar ameaças à nossa Nação o mais longe possível de nosso litoral.

Para obtenção dos benefícios do conhecimento, é crítica nossa habilidade em evitar comprometimento das informações ado-

tando-se medidas robustas para sua garantia. Tais medidas aumentarão a confiança de parceiros internacionais de que a informação fornecida será compartilhada apenas com aquelas entidades para as quais ela é dirigida.

Os adversários dificilmente buscarão conflito direto convencional e, como as forças marítimas podem ser desafiadas em campo aberto, seus planos irão, quase certamente, depender de ataque assimétrico e de surpresa, que podem ser obtidos por meio da ocultação (*stealth*), do logro (*deception*) ou pela ambigüidade. Nossa capacidade ISR deve incluir modos inovadores de se conhecer os planos dos adversários e de discernir suas possibilidades e vulnerabilidades, enquanto apóia todo o espectro de operações militares. Devemos eliminar a possibilidade de o adversário obter iniciativa sobre as forças avançadas e garantir a provisão antecipada aos decisores das informações a eles necessárias para impedirem agressões e para que possam usar medidas para escalada, antecipando-se a tais ardis.

Preparar nosso povo

Considerando-se a natureza esparsa das forças executantes desta estratégia, devemos preparar apropriadamente os marinheiros, fuzileiros e homens da Guarda Costeira para os desafios e oportunidades porvir. Estamos criando uma força dispersa sob autoridade descentralizada num mundo de rápido fluxo de troca de informações. As forças marítimas operarão, normalmente, de forma menos concentrada do que atualmente, e a líderes mais jovens serão confiadas maiores autoridade e responsabilidade para desempenharem importantes papéis em missões de importância estratégica. Do pessoal mais moderno, mais que de seus antecessores, será requerido

interagir com uma variedade maior de parceiros multinacionais e de povos. O desenvolvimento profissional e o adestramento de unidades devem ser refinados proporcionalmente. Operações em equipes integradas requerem maior entendimento mútuo das capacidades e culturas dos respectivos serviços, o que pode ser obtido por meio da formação de grupos de estudantes e instrutores interagências durante tarefas educativas, de adestramento e de estado-maior.

Da mesma forma, se pretendemos ser bem-sucedidos em parcerias com a comunidade internacional, devemos melhorar nossa perícia regional e cultural por meio de maiores iniciativas em treinamento, educação e intercâmbios.

Significativamente, esta estratégia requer novas maneiras de pensar – tanto a respeito da delegação de poder aos comandantes individuais como no entendimento dos efeitos no sistema das operações dispersas.

Tais operações requerem uma divisão global de responsabilidade entre: o comandante da cena responsável por garantir que as ações estão de acordo com a intenção do comando; o comandante geral responsável por prover a intenção e instruções para os subordinados; o organismo responsável pelo adestramento, equipamento e preparação cultural das unidades das forças esparsas para as missões que deverão cumprir; e, finalmente, os comandantes regionais responsáveis pela determinação do tamanho e prontidão das forças.

CONCLUSÃO

Esta estratégia derivou-se de uma avaliação cuidadosa dos requisitos para a segurança da Nação. Ela não pressupõe conflito, mas, ao contrário, reconhece o fato histórico de que a paz não se autopreserva. Olhando-se o imenso domínio marítimo, fica evidente a necessidade da existência de vasto repertório de capacidades básicas em apoio a nossos interesses vitais, conduzidas por um povo bem treinado, altamente motivado e com uma liderança capaz.

A estratégia enfoca em *oportunidades* – não em ameaças; em *otimismo* – não no medo; e em *confiança* – não na dúvida. Ela reconhece os desafios impostos pelas condições incertas e um tempo de rápidas mudanças e apresenta argumentação pelas necessidades para o poder naval dos EUA para o século XXI.

Na qualidade de estratégia declaratória, este documento desafia os serviços navais

Esta estratégia não pressupõe conflito, mas, ao contrário, reconhece o fato histórico de que a paz não se autopreserva.



Enfoca em *oportunidades* – não em ameaças; em *otimismo* – não no medo; e em *confiança* – não na dúvida

a fazerem a evolução de vasta gama de capacidades integradas para alcançar objetivos nacionais estratégicos permanentes. São necessárias mais experimentações, experiência profissional e análises, assim como o compromisso do serviço naval com a evolução acerca das idéias que este documento propõe. Entretanto, o serviço naval não poderá fazê-lo sozinho. Os diversos elementos da comunidade marítima devem ser motivados e apoiados à medida que investirem na garantia da paz e prosperidade em todo o domínio marítimo.

Os serviços navais se comprometem a dar continuidade ao processo de implementação de estratégia colaborativa nos anos à frente. **O poder naval dos EUA é**

uma força para o bem, que protege os interesses vitais de nossa Nação mesmo quando se junta a outros para promover a segurança e a prosperidade ao redor do planeta.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ARTES MILITARES>; Estratégia Marítima; Poder Marítimo; Marinha dos EUA; Política dos EUA;

ANEXO 1

UM DESEMPENHO BRILHANTE

*Proceedings (EUA) – November 2007, p. 22-24*John Lehman⁴

Neste artigo, o ex-ministro da Marinha dos Estados Unidos da América (EUA) e que foi o mentor da última Estratégia Marítima americana faz uma avaliação crítica da recém-lançada *Uma Estratégia Cooperativa para o Poder Naval no Século XXI*.

De acordo com o autor, em meados de 2007, foi realizada uma conferência na Noruega para analisar a Estratégia Marítima da Era Reagan. Na ocasião, ex-oficiais graduados da extinta União Soviética deram conta de que, à época, entendiam com clareza a abordagem pró-ativa daquela estratégia. Naquele tempo, a Marinha dos EUA se exercitava, anualmente, junto a seus aliados, com grupos de ataque nucleados em navios-aeródromos nucleares. Os soviéticos tinham conhecimento de que a Marinha dos EUA acreditava em seu sucesso em uma eventual guerra e, surpreendentemente, seus próprios analistas estavam convencidos de que, de fato, os EUA triunfariam, possivelmente, na primeira semana da guerra. Havi- am concluído, na ocasião, que seria neces- sário triplicar o orçamento das forças na-

Haviam concluído, na ocasião, que seria necessário triplicar o orçamento das forças navais e marítimas, e isto propuseram às lideranças no Kremlin. Conclui o ex-ministro que este, certamente, foi um fator importante para a queda do regime soviético

vais e marítimas, e isto propuseram às lideranças no Kremlin. Conclui o ex-ministro que este, certamente, foi um fator importante para a queda do regime soviético.

Ao longo deste trabalho, o autor busca destacar os principais pontos positivos e identificar as omissões da nova estratégia, dividindo sua análise em cinco tópicos:

– O que torna uma estratégia bem-sucedida;

– Então, o que a Marinha de uma superpotência deve fazer?;

– As boas notícias;

– O que está faltando; e

– E sobre projeção de poder?

Dessa forma, destaca positivamente as iniciativas que receberam maior prioridade na nova estratégia

– aperfeiçoar a integração e a interoperabilidade; intensificar o conhecimento; e preparar o povo – por considerá-las extremamente importantes. Mas, em contrapartida, identifica, dentre outras deficiências, a falta de uma quarta prioridade, que seria a clara identificação do que é necessário para implementar a estratégia proposta.

⁴ Foi ministro da Marinha na administração do Presidente Ronald Reagan e é membro da Comissão do 11/9.

ANEXO 2

O VERDADEIRO PROPÓSITO DA ESTRATÉGIA

Proceedings (EUA) – December 2007, p. 90-91Norman Friedman⁵

Articulista de renome internacional e autor de importantes livros sobre estratégia, Norman Friedman, neste artigo, opina a respeito do documento *Uma Estratégia Cooperativa para o Poder Naval no Século XXI*.

Em sua opinião, um dos mais importantes papéis de uma estratégia é o de educar a opinião pública e, principalmente, a classe política nos misteres do mundo marítimo. Os integrantes dos serviços navais operam em lugares

aos quais civis usualmente não têm acesso e a importância do transporte marítimo não é evidente para todos.

Marinhas detêm poder devido à sua mobilidade. Hoje, elas podem mover uma base aérea ou de fuzileiros navais para qualquer parte do mundo a velocidades acima de 30 milhas por hora, por períodos indefinidos de tempo. Essa vantagem já era percebida em 1889, nos Estados Unidos da América. Naquele ano, quando o ministro da Marinha pediu que oficiais da Marinha planejassem a estratégia nacional, eles concluíram que os EUA não seriam capazes de defender seu litoral devido às inúmeras vias marítimas que o tornavam vulnerável a ataques. A única opção viável de defesa seria a construção de uma esquadra capaz de ameaçar potenciais atacantes próximo à própria costa de modo a dissuadi-los de atacar ou a forçá-los à defensiva.

Um dos mais importantes papéis de uma estratégia é o de educar a opinião pública e, principalmente, a classe política nos misteres do mundo marítimo

Esse conceito de defesa avançada se tornou a Estratégia Nacional dos EUA, ressalta o articulista.

Na avaliação de Friedman, o problema de hoje é o mesmo de então e ele está refletido na nova estratégia. Após anos de estudos sobre a defesa do território nacional, não importando o quanto se pense investir, os terroristas encontrarão meios para atacar. Assim, os EUA continuam a ter que ocupar posições avançadas, como previsto na

nova estratégia, de modo a fazer os oponentes ocuparem-se com sua sobrevivência, deixando, assim, de atacar. Ele, a seguir, compara as diversas estratégias adotadas no passado recente de seu país, considerando, inclusive, os

acertos e erros de avaliação de John Lehman, articulador da estratégia marítima da era do Presidente Ronald Reagan.

Ainda elabora considerações sobre a relação entre a Marinha, os políticos e o orçamento, indicando, por meio de comparação com a época da Guerra Fria, as vantagens de se possuir um poder naval adequado e bem posicionado.

Finalizando, indica a sua interpretação da mais importante mensagem que visualizou na nova estratégia: o mar é uma via de comunicação e não uma barreira. O mundo precisa entender esta mensagem.

⁵ Autor do *Naval Institute Guide to World Naval Weapons, Fifth Edition* (Guia de Sistemas de Armas Navais do Instituto Naval, Quinta Edição). Entre muitos de seus outros livros, destacam-se *The U.S. Maritime Strategy* – 1988 (A Estratégia Marítima dos EUA) e o *Seapower as Strategy: Navies and National Interests* – 2001 (Poder Naval como Estratégia: Marinhas e Interesses Nacionais).